

ENSINO SUPERIOR EM TURISMO EM BUSCA DE NOVOS PARADIGMAS EDUCACIONAIS: PROBLEMAS, DESAFIOS E FORÇAS DE PRESSÃO

HIGHER EDUCATION IN TOURISM IN SEARCH OF NEW EDUCATIONAL PARADIGMS:
PROBLEMS, CHALLENGES, AND PRESSURE FORCES

ENSEÑANZA SUPERIOR EN TURISMO BUSCANDO NUEVOS PARADIGMAS
EDUCACIONALES: PROBLEMAS, RETOS Y FUERZAS DE PRESIÓN

Roberta Leme Sogayar

Mestre em Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi, Mestre em Administração de Parques, Turismo e Lazer, Western Illinois University, Especialista em Educação Ambiental, UNESP e Graduada em Turismo, Universidade Anhembi Morumbi. Professora e investigadora da Escola de Turismo e Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, Brasil.
E-mail: rosogayar@hotmail.com

Mirian Rejowski

Doutora em Ciências da Comunicação e Livre Docente em Teoria do Turismo e do Lazer, Universidade de São Paulo. Professora e investigadora da Escola de Turismo e Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, Brasil.
E-mail: mirwski@gmail.com

Data de Submissão: 04/11/2010

Data de Aprovação: 30/08/2011

RESUMO

Pesquisa bibliográfica que visa compreender cenários evolutivos do ensino superior de Turismo, onde se fazem presentes forças de pressão em defesa de novos paradigmas educacionais. O levantamento das fontes foi realizado a partir de busca em bases de dados eletrônicos, bibliotecas especializadas e indicação de *experts* da área. A pesquisa aborda dados evolutivos do ensino superior em turismo no Mundo (ocidental) e no Brasil, descrevendo fatos históricos e outros relevantes à compreensão do desenvolvimento do setor. Apresenta os problemas, desafios e as dificuldades estruturais frente a mudanças globais e discute alguns fatores catalisadores de mudanças para novos modelos de ensino superior em turismo. Ao final, destaca-se a necessidade de mudança no ensino superior em turismo que em face de 3 focos de interesse da comunidade acadêmica introduz um quarto foco: o da hospitalidade, resgatando o verdadeiro sentido na humanização do turismo.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo. Educação superior, Forças de pressão, Paradigmas educacionais.

ABSTRACT

This work is a bibliographic review that seeks to understand evolutionary scenarios for higher education in tourism, an area that is currently under pressure to implement new educational paradigms. The review was conducted by means of electronic databases, specialized libraries and indications of experts in the area. It addresses evolutionary data of higher education in tourism in the western world and in Brazil, describing historical events and other relevant information for understanding the development of the sector. It presents the problems, challenges and structural difficulties that have arisen, as a result of global changes, and discusses some catalyst factors of change for new models of higher education in

tourism. Finally, it highlights the need for change in higher education in tourism, based on three focuses of interest for the academic community, and introduces a fourth focus, hospitality, recovering the true sense in the humanization of tourism.

KEY WORDS: Tourism, Higher education, Pressure forces, Educational paradigms.

RESUMEN

Investigación bibliográfica que pretende comprender panoramas evolutivos en la enseñanza superior de Turismo, en la que se hacen presentes fuerzas de presión en defensa de nuevos paradigmas educacionales. El relevamiento de las fuentes fue realizado a partir de una búsqueda en bancos de datos electrónicos, bibliotecas especializadas e indicaciones de *experts* en el área. La investigación aborda datos evolutivos de la enseñanza superior en Turismo en el mundo (occidental) y en Brasil, describiendo hechos históricos y otros también relevantes para la comprensión del desarrollo del sector. Presenta los problemas, los retos y las dificultades estructurales frente a cambios globales y discute algunos factores catalizadores de transformaciones hacia nuevos modelos de enseñanza superior en Turismo. Por último, se destaca la necesidad de cambio en la enseñanza superior en Turismo, que frente a tres focos de interés de la comunidad académica, introduce un cuarto foco: el de la hospitalidad, rescatando el verdadero sentido en la humanización del turismo.

PALABRAS CLAVE: Turismo. Educación superior, Fuerzas de presión, Paradigmas educacionales.

INTRODUÇÃO

A globalização da economia permitiu o crescimento dos meios de comunicação, da tecnologia, das redes sociais genéricas e específicas e estas naturalmente foram incorporadas ao campo da educação. Em tal cenário, a internacionalização do ensino superior é traduzida pelas políticas e práticas utilizadas pelos sistemas acadêmicos e instituições de ensino a fim de enfrentar este ambiente global para proporcionar uma interação da comunidade educacional.

Esse processo de interação no plano mundial, entretanto, não ocorre sem resistência, tendo origem nas questões da territorialidade e nos modos como ocorre o processo de socialização. Assim se reflete nas formas e processos educacionais em diferentes contextos culturais, marcando diferenças que podem ocasionar, por vezes, desentendimentos e hostilidades, não raro desencadeando situações de conflito e violência.

É inquestionável o fato de que o turismo é reconhecido por governos e outros segmentos da sociedade acerca de sua importância para a economia dos países (COOPER, 2007; WTTC, 2010). Por se desenvolver em ambientes sociais, culturais, políticos e econômicos em todo o mundo globalizado, pode gerar conflitos durante o processo de interação entre tais instâncias. Esta probabilidade de geração de conflitos precisa, então, ser trabalhada para que a atividade turística ocorra dentro de padrões de respeito às diferenças e de entendimento que garantam a sua sustentabilidade. A consciência dessas questões há muito tempo permeiam o pensamento da comunidade acadêmica e se reflete na literatura especializada, principalmente a partir de 1990 (SWARBROOKE; HORNER, 2007).

Em relação à formação de profissionais para o setor, percebem-se ajustes de propostas curriculares na primeira década do século XXI em face de demandas distintas na formação de profissionais qualificados. Essa necessidade ocorre devido às pressões oriundas da gestão sustentável do ambiente, da busca pela autenticidade, das fragilidades sociais causadas pela má distribuição de renda e da importância da hospitalidade no fortalecimento de vínculos sociais no desenvolvimento do turismo. A formação profissional para o setor, então, caminha ao lado do processo de internacionalização, e requer a compatibilização dos projetos educativos de diferentes países, direcionando-se para a formação das bases de um novo paradigma educacional.

Diante disso, este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa bibliográfica que visa compreender o cenário evolutivo do ensino superior de Turismo, no mundo (ocidental) e no Brasil, onde se fazem presentes as forças de pressão em defesa de novos paradigmas educacionais. O levantamento das fontes foi realizado a partir de busca em bases de dados eletrônicas, bibliotecas especializadas e indicação de *experts* da área, e reuniu um conjunto expressivo de livros, capítulos, artigos de periódicos e outras obras, nacionais e internacionais.

O conteúdo a seguir se subdivide em três tópicos principais. Aborda os dados evolutivos do ensino superior em turismo no Mundo e no Brasil, descrevendo fatos relevantes para a compreensão do desenvolvimento do setor; apresenta os problemas, desafios e as dificuldades estruturais frente a mudanças globais presentes em sua trajetória; e discute também alguns fatores catalisadores de mudanças para novos modelos de ensino superior em turismo. Ao final, destaca os principais resultados na forma de síntese e destaca a necessidade de mudança no ensino superior em turismo a partir de três tópicos de interesse: internacionalização da educação, sustentabilidade e ética.

DADOS EVOLUTIVOS DO ENSINO SUPERIOR EM TURISMO

Cenários no Mundo

A Organização Mundial do Turismo (OMT, 1997) aponta três fases que revelam o desenvolvimento da educação em turismo como um esforço acadêmico. A primeira fase refere-se à criação dos cursos vocacionais voltados ao comércio turístico. Airey (1988, *apud* COOPER; SHEPERD; WESTLAKE, 2001) indica no início dos anos de 1900 a introdução de treinamentos para *chefs* e garçons, e na década de 1950 para agentes de viagens. A segunda fase é marcada pela criação dos cursos de turismo como uma forma de enriquecimento dos estudos de administração, fornecendo orientação vocacional. A terceira fase mostra o desenvolvimento do estudo do turismo dentro de disciplinas clássicas de geografia, sociologia e linguística que forneciam especializações opcionais nessa temática.

Ainda segundo esse autor, no início dos anos de 1960 o estudo do turismo emergiu como um ramo autônomo em relação ao da hotelaria, em departamentos distintos como geografia, recreação, esportes, negócios e, inclusive, hotelaria, o que resultou em uma oferta acadêmica variada, mas com falta de consistência em termos de qualidade e coordenação de programas ofertados. Porém, ressalta que nos países desenvolvidos os cursos de turismo não se estabilizaram antes dos anos de 1970 e 1980, devido à falta de estrutura acadêmica e institucional adequadas, e ao seu desenvolvimento não planejado.

Já no campo da Hospitalidade¹, Cooper, Sheperd e Westakle (2001) apontam que somente após a II Guerra Mundial, apareceram os cursos de gerenciamento em hospitalidade com o crescimento do turismo internacional, apesar da *L'École Hotelierie* de Lausanne (Suíça) datar de 1883. De forma oposta aos cursos de Turismo, os de Hotelaria, por estarem relacionados ao gerenciamento, não sofreram com a falta de planejamento e apresentaram propósitos mais específicos. Como exemplo disso, em meados da década de 1950 a Grã-Bretanha já apresentava mais de cem instituições técnicas que ofereciam treinamento em hotelaria.

No final da década de 1950 e no início da seguinte, surgiram movimentos em prol da padronização da prestação de serviços de hotelaria e das qualificações de recursos humanos por parte dos órgãos profissionais. Esse desenvolvimento indicou duas correntes para a educação na área. A primeira apresentava baixos níveis pedagógicos com maior foco em treinamento, privilegiando professores com maior experiência no setor turístico e formando alunos com habilidades, em sua maioria práticas. Esse formato de curso representava uma provisão de mão-de-obra para os países que estavam se estruturando no desenvolvimento do turismo, e em geral supria as necessidades do setor. A segunda corrente estava voltada a uma melhoria no nível educacional e proporcionava ao aluno maior capacidade analítica e de avaliação. (COOPER; SHEPERD; WESTAKLE, 2001)

Paralelamente, também há de se citar o interesse no estudo do turismo como apontado por Go (2001). O primeiro período inicia-se na década de 1940 com os estudos de Walter Hunziker e Kurt Krapf, na Suíça, e dos primeiros estudiosos britânicos, e segue até a década de 1970 na Inglaterra e nos Estados Unidos:

Entre os primeiros escritores britânicos estavam Olgivie, Norval e Lickorish e Kershaw. Mas foi só na década de 1970 que os acadêmicos anglo-americanos começaram a mapear as águas não-cartografadas dos primeiros estudos do turismo. Por exemplo, Medlik e Burkart da Universidade de Surrey assumiram a liderança na Inglaterra, enquanto Clare Gunn da Universidade A&M do Texas, e Robert McIntosh da Universidade Estadual de Michigan foram os pioneiros da educação de turismo nos Estados Unidos. (GO, 2001, p. 461)

Conforme Lawson (1974 *apud* Go, 2001), ao analisar a educação e o treinamento em turismo na Europa Ocidental, há importantes desafios aos primeiros educadores. Um deles refere-se à formação dos programas, pois não se alinhavam a uma demanda do setor, mas sim a uma iniciativa puramente acadêmica; outro revela que o setor turístico não aceitava todas as qualificações acadêmicas oferecidas nos cursos de formação, dando preferência à formação de caráter técnico-operacional. Go (2001) considera que os cursos de turismo da Europa Ocidental nas décadas de 1970 e 1980 apresentavam características extremamente pragmáticas, enfatizando a colocação profissional dos formados, o que gerava uma preocupação corrente por parte dos educadores em turismo.

O segundo período para esse autor foi marcado pela edição especial com o tema Educação em Turismo da revista científica *Annals of Tourism Research* em 1981, a qual sinalizou a mudança de foco na educação do nível pragmático² para o nível universitário. Em artigo dessa edição, Jafari e Ritchie (1981) destacam a necessidade de se estabelecer uma base sólida para as pesquisas em educação do turismo, a partir da ampliação do seu contexto, das contribuições disciplinares e dos seus principais desafios. Apontam ainda a escassez de pesquisas científicas referentes à construção de projetos curriculares no ensino superior em turismo, que serviriam para sustentar a formação de novos projetos curriculares pautados na compreensão de uma abordagem interdisciplinar do turismo.

Para tanto, Jafari e Ritchie (1981) apresentam um modelo para a fundamentação interdisciplinar, com base em um processo de “cientifização” já ocorrido em outras áreas mais tradicionais, no centro do qual os estudos turísticos “se ‘nutrem’ de referencial teórico e metodológico de várias áreas disciplinares, como geografia, estatística, economia, marketing, antropologia etc.” (REJOWSKI, 2010, p. 24). Embora esse modelo não seja visto pelos teóricos como um paradigma da educação superior em turismo, demonstrou a interdisciplinaridade do turismo e foi adotada na construção das propostas curriculares de graduações na área.

No terceiro período, no início dos anos de 1990, Go (2001, p. 462) cita um novo marco na trajetória da educação do turismo, mediante “modificações nas variáveis que crescem no exterior e interiormente na profissão”, em virtude de mudanças na geopolítica, alteração demográfica e inovações tecnológicas. Nesse período vigora o paradigma sistêmico dos estudos turísticos, com vários modelos de autores como Neil Leiper, Roberto Bullón e Mário Beni (PANOSSO NETTO, 2005).

Esse paradigma se consolida aliado ao crescimento da oferta quantitativa de cursos de graduação fundamentados em orientação vocacional para o mercado. Santos (2010), em dissertação sobre a investigação turística em Portugal, trata da evolução da formação superior em vários países e mostra dados de alguns países como os seguintes: no Reino Unido ocorreu 142% de crescimento da oferta entre 1996 (31 cursos) e 2000 (75 cursos); na China, 88% entre 1993 (102 cursos) e 1997 (192 cursos).

Com a Declaração de Bologna³ em 1999, as universidades dos países da União Europeia e de outros países da Europa e da Ásia integrantes do EEES (Espaço Europeu de Educação Superior) mudaram ou estão em processo de mudança de seus modelos educativos nacionais para um modelo internacional aplicado a toda a formação superior (NECHAR; TOMILLO NOGUERA; GARCÍA GÓMEZ, 2010). Cria-se um espaço aberto no qual há o trânsito livre de estudantes com a validação de créditos, a fim aumentar a competitividade e a qualificação de recursos humanos.

Ao mesmo tempo a partir de meados dos anos de 2000 questiona-se a validade do paradigma sistêmico nos estudos turísticos e na formação superior, a qual deveria ser orientada por novos valores. Uma iniciativa nesse sentido é movimento denominado *Tourism Education Future Initiatives*, iniciado em 2007 por um grupo de pensadores de renome e profissionais que sugerem uma nova estrutura conceitual da educação superior em turismo fundamentada em cinco valores: zelo, conhecimento, profissionalismo, ética e respeito mútuo (SOGAYAR, 2010; TEFI, 2010).

Verifica-se que o processo evolutivo do ensino superior em turismo no Exterior, em especial na Europa e nos Estados Unidos, acompanha a profissionalização do setor, que se inicia na área

da hotelaria e depois em turismo, muito voltada aos negócios e ao desenvolvimento turístico, com ênfase na gestão. A forma como se processa essa educação se ajusta ao cenário de constantes mudanças no mundo contemporâneo, quer sejam de ordem econômica, quer de ordem social ou cultural. O item seguinte aborda como os cursos superiores em turismo se desenvolveram no Brasil e quais os principais desafios presentes em sua trajetória.

Cenários no Brasil

Os cursos de Turismo no Brasil datam do início da década de 1970, impulsionados pelos acontecimentos sócio-políticos que se delineavam a partir da década anterior. O primeiro deles é o crescimento do turismo impulsionado pelo “milagre brasileiro econômico” que levou à necessidade de qualificação de mão-de-obra para o fomento do setor. Aliado a este fator, a abertura da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) em 1966, um marco na história da gestão pública brasileira, pretendia reverter a imagem negativa da ditadura brasileira no Exterior.

Nesse contexto e em meio às políticas governamentais de expansão de vagas para o ensino superior, em 1971 surgiu o primeiro curso de bacharelado em Turismo do Brasil, de iniciativa privada, na cidade de São Paulo, na época denominada Faculdade do Morumbi, hoje Universidade Anhembi Morumbi. Segundo Teixeira (2006), esse fato está relacionado à descoberta do ensino superior como bom negócio financeiro aliado à proibição, pelo governo militar, de cursos “pensantes” que poderiam questionar a viabilidade da ditadura; assim incentivaram-se cursos que promoviam a tecnologia e o entendimento superficial da sociedade.

Essa autora acrescenta que a classe média também influenciou para a proliferação de novos cursos, como os de Turismo, pois viam neles uma oportunidade de cursar uma faculdade, profissionalizar-se e ter o *status* que acompanhava o diploma de um curso superior. Considera ainda que a acentuação do discurso do ócio e do tempo livre, através das mídias impressas e da televisão, bem como o posicionamento do lazer como prioridade de atuação do Serviço Social do Comércio (SESC) sustentaram a abertura de cursos superiores de Turismo no país.

Em agosto de 1973, ocorreu a abertura do primeiro curso de Turismo em uma instituição de ensino pública com reconhecimento internacional, na Universidade de São Paulo (USP), inicialmente como opção aos que haviam ingressado em 1972 no curso de Comunicação Social (REJOWSKI, 1996). Em relação aos cursos de Hotelaria, o primeiro curso superior surgiu em 1978 na Universidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, e em 1981 na Universidade Renascença em São Paulo (MOREIRA; NEVES; GOMES FILHO, 2009), ambos em nível de formação de tecnólogos.

Importa destacar que se estabeleceram dois modelos de formação superior em Turismo, os quais nortearam a maioria dos bacharelados no país: o da então Faculdade de Turismo do Morumbi, com foco na formação profissional voltado para o mercado; e o da USP, com foco na formação acadêmica com maior fundamentação nas ciências humanas e sociais. O primeiro era um modelo seguido principalmente pelas faculdades isoladas privadas, e o segundo pelas universidades públicas e privadas, estas últimas confessionais (religiosas). No entanto, ambas buscavam a integração de conhecimentos multidisciplinares por meio do planejamento turístico, contemplado na grade curricular a partir do terceiro ano.

O crescimento desses cursos no Brasil foi relatado por diversos autores, que acompanharam a sua evolução quantitativa e as possíveis razões de seus períodos de ascensão e declínio, com destaque a partir da década de 1990. Segundo Ansarah e Rejowski (1994), na primeira metade da década de 1990 havia 33 cursos superiores de turismo e/ou hotelaria no Brasil, em nível de bacharelado: 29 de Turismo, 2 de Hotelaria e 2 de Turismo e Hotelaria, a maioria ofertada em instituições privadas de ensino superior. Esta década foi denominada por Trentin e Silva (2010, p. 205) como a “Década da Educação”, na qual o sistema de ensino adequou-se ao processo de globalização e a outros movimentos orientados à qualificação da mão de obra e à “educação no centro das políticas de desenvolvimento”.

Teixeira (2001, p. 153) destaca o crescimento quantitativo dos cursos superiores de Turismo e/ou Hotelaria no Brasil no período de 1998 a 2000, com base em dados do Ministério da Educação:

[...] até 1998, havia 157 cursos, sendo 119 cursos de Turismo e 38 de Hotelaria/ Administração Hoteleira. Em 1999, 39 novos cursos foram autorizados, sendo 37 de Turismo e dois de Hotelaria/ Administração Hoteleira. Em 2000, [...] o total informado por esse Ministério [era] de 284 cursos, sendo 225 de turismo e 59 de Hotelaria/ Administração Hoteleira.

Do total de cursos em 2000, 94% deles eram ofertados por instituições privadas e 6% por instituições públicas (3% são federais, 2% estaduais e 1% municipais). Dentre as razões que levaram as Instituições de Ensino Superior (IES) à criação de cursos, a principal era a existência de demanda mediante a percepção do potencial do mercado com retorno financeiro, visto que necessitava de investimentos bem menores do que outros cursos como na área da saúde ou direito. Outras justificativas citadas foram as potencialidades turísticas de uma região ou localidades, pois se percebia a necessidade de mão-de-obra qualificada, ou regiões com forte apelo turístico nas quais existiriam empregos para absorção dos formados; abertura de cursos para formação de docentes qualificados na área em virtude da grande carência no mercado de professores especializados em Turismo e Hotelaria; além de indicação da reitoria, pedido de empresários, crescimento da rede hoteleira e continuidade do curso de tecnologia, pois o mercado não reconhecia esse profissional e demandava outro com formação plena. (TEIXEIRA, 2001)

Um trabalho posterior sobre a oferta de cursos de graduação presenciais, Carvalho (2008) aborda o período de 2001 a 2006, revelando o crescimento contínuo dos cursos da área de Hospitalidade⁴, com destaque para o curso de Turismo, o qual apresentava taxa de crescimento menor do que os demais. Cita também que apesar da constante abertura de novos cursos na área e respectivo aumento do número de vagas, o número de alunos inscritos nos processos seletivos e de alunos matriculados reduziu drasticamente: no período de 2004 a 2005 houve redução de 21% no número de candidatos inscritos no processo seletivo e de 24,1% nos ingressos ou matrículas efetivadas.

Trentin e Silva (2010) atestam esse fato ao citarem dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP): em 2005, havia 565 cursos de turismo, cuja oferta caiu para 398 em 2007. Dados mais recentes sobre a oferta de cursos superiores de turismo e áreas afins são encontrados na tese de doutorado de Mota (2011) com base em arquivos do Ministério da Educação datados de setembro de 2010. De um total de 1.084 cursos, "79 são bacharelados em hotelaria e 69 são tecnológicos em hotelaria; 492 são bacharelados especificamente em turismo e 180 são cursos superiores de tecnologia em gestão de turismo. No entanto, é preciso tomar esses dados com cautela, pois há cursos autorizados e reconhecidos que não abriram turmas, fecharam ou estão em processo de encerramento.

Em contrapartida, com as políticas do governo federal de expansão de vagas nas universidades públicas a partir de meados de 2000 amplia-se a oferta de cursos de bacharelado em universidades conceituadas, em especial nas instituições públicas de São Paulo e Rio de Janeiro. Exemplos a serem citados são os cursos de Turismo e Lazer da Universidade de São Paulo e o de Turismo da Universidade Federal de São Carlos, em São Paulo; e os de Turismo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e na Universidade Federal Fluminense, no Rio de Janeiro.

Percebe-se então que há necessidade de maior compreensão do processo evolutivo da graduação em turismo no Brasil, com estudos baseados em número de alunos matriculados, de cursos e alunos participantes do ENADE (Exame Nacional de Avaliação do Desempenho do Ensino Superior). Por outro lado, concorda-se com o disposto por Trentin e Silva (2010, p. 206) no tocante aos cursos de bacharelado em turismo que buscam

[...] formar o profissional do século XXI apto a atender às demandas deste milênio. [...]. Para criar condições de atender a essa necessidade, os currículos oferecidos pelos cursos estão começando a romper com o paradigma tecnicista, até então requerido pelas necessidades do mercado, e sinalizando para um paradigma fundamentado em um corpo teórico-metodológico próprio e não fragmentado.

Para tanto, reforça-se mais uma vez que o ensino superior em turismo no Brasil, normalmente vinculado a instituições privadas, oscila conforme a sua demanda e a necessidade de qualificação de recursos humanos. Nesse movimento, se fragmenta em outros cursos da área de hospitalidade, se "reinventa" tanto em relação ao seu formato (bacharelado, de tecnologia ou sequencial) quanto ao seu conteúdo em um afã de estar alinhado à realidade do mercado. Mas um movimento mais tímido se apresenta com a inserção de novos cursos em universidades públicas, ao lado da

evolução da pesquisa científica tanto na graduação quanto na pós-graduação. Cita-se aqui a oferta de atual de sete mestrados em turismo e um doutorado em administração e turismo. Em ambos os casos, não há como se distanciar do cenário nacional e internacional, suscetível de alterações frequentes, rápidas e até não previstas, com o que se impõe situações a serem enfrentadas, o que é tema do item a seguir.

PROBLEMAS E DESAFIOS DO ENSINO SUPERIOR EM TURISMO

Dificuldades Estruturais

Desde o seu início a educação em turismo e hospitalidade tem enfrentado problemas e desafios, frente aos quais a OMT no início do século XXI buscou mapeá-los, indicando a necessidade de serem considerados no planejamento da educação na área (COOPER; SHERPERD; WESTAKLE, 2001).

Inicialmente, um elemento a ser considerado é o tempo de existência da área, que revela a falta de "história" comparada a outros campos de estudos mais "maduros" com teorias consolidadas. Outro é a multidisciplinaridade, a partir da qual outras disciplinas mais consolidadas (economia e geografia, dentre outras) se "apoderem" do estudo do turismo, enfraquecendo o seu próprio corpo de conhecimento. E outro se refere à fragmentação da educação em turismo que leva à falta de direcionamento para o desenvolvimento da teoria e conseqüentemente de uma estrutura abrangente "dentro da qual a matéria possa ser ensinada" (COOPER; SHERPERD; WESTAKLE, 2001, p. 42).

Obviamente os problemas não aparecem somente na construção teórica do setor, mas também se referem ao seu desenvolvimento como atividade; por exemplo, a possível decadência e em contraste a customização do turismo de massa estabelece desafios à educação do turismo do futuro, a qual deverá repensar novas abordagens de análise e de ensino, como destacado por esse autor. Além do mais, o setor turístico é fragmentado, com uma ampla gama de serviços e produtos, formado em sua maioria por pequenos negócios conduzidos por empresários e autônomos, sem formação específica na área, os quais não reconhecem a necessidade do desenvolvimento do profissionalismo no mesmo.

A OMT ainda aponta as fraquezas conceituais da educação em turismo que podem agir "como uma barreira numa direção clara e política, resultando na falta de rigor e foco. O conhecimento total, como resultado, é apenas articulado vagamente e pode estar em perigo de entrar em colapso". O ensino em hospitalidade também enfrentou entraves no seu desenvolvimento, inicialmente devido à imagem de que "pessoas de baixa realização seguem uma carreira voltada à educação orientada à hospitalidade", área esta muitas vezes equiparada à culinária (COOPER; SHERPERD; WESTAKLE, 2001, p. 43-4).

Outro agravante para os cursos de hospitalidade, semelhante para os de turismo, é a não definição de seu formato, se voltado às habilidades técnicas ou voltado ao gerenciamento de negócios, visto que os cursos apresentam uma base ampla de conhecimentos.

O problema se agrava ainda mais, pois muitas instituições e departamentos de turismo mantêm vínculos íntimos com [o setor]. Como resultado, a contribuição [do setor] no planejamento do currículo e no desenvolvimento do curso é comum e a ênfase [do setor] na importância das habilidades de base técnica reflete[-se] frequentemente no contexto e na avaliação do currículo. (COOPER; SHERPERD; WESTAKLE, 2001, p. 45)

Essa relação com o setor também é discutida mais particularmente em trabalho posterior de um desses autores sobre os princípios (teorias) e práticas do turismo. Nele Cooper (2007) ressalta a importância da integração entre governo, academia e empresários para juntos equacionarem os desafios da formação profissional na área. Ao mesmo tempo retoma-se a preocupação de Trigo (1998) acerca do profissional inserido em uma sociedade pós-industrial, cuja formação séria e continuada deveria se direcionar para a melhor compreensão da qualidade dos serviços turísticos, dos padrões de segurança, lucratividade e eficiência.

O crescimento elevado dos cursos de turismo no Brasil gerou também um ponto de pressão na absorção de egressos no mercado de trabalho. Em estudo sobre a formação profissional e expectativas do mercado em João Pessoa, Lima e Silva (2007) apontam que os salários e atividades

nessa região não eram compatíveis. Outro aspecto assinalado nesse período é a defasada formação de professores na área:

Encontrar professores que transmitam os conhecimentos específicos, as experiências requeridas e que tenham didática para uma transmissão eficaz constitui um grande, senão o maior, desafio para os dirigentes dessas faculdades. (RUSCHMANN, 2002, p. 20)

O perfil de professores idealizado para os cursos, de acordo com sua constituição curricular, era de professores com formação e titulação na área das ciências sociais para lecionar o ciclo básico do curso pautado nas disciplinas específicas, e de professores com formação, titulação e experiência profissional para lecionar as disciplinas técnico-profissionalizantes. Dentre as principais dificuldades enfrentadas pelas IES quanto à formação do quadro de professores, Ruschmann (2002, p. 21-22) destaca três delas:

- Ausência de correlação entre turismo e ciência, pois os professores das ciências básicas não desenvolviam, por exemplo, a relação entre psicologia e comportamento do turista;

- Falta da titulação de docentes das disciplinas técnico-profissionalizantes, visto que o Turismo era considerado uma área emergente e estes acabavam por apresentar uma visão unilateral de sua atividade; muitas vezes faltavam às aulas para cumprir suas obrigações profissionais, sendo a docência uma ocupação secundária;

- Carência de experiências e vivências no setor turístico de docentes com dedicação integral ao ensino e à pesquisa, o que "conduz a uma formação excessivamente teórica dos alunos, prejudicando sua atuação e, conseqüentemente, sua absorção pelo mercado de trabalho".

Outro assunto discutido é a falta de identidade do curso de graduação, em especial do bacharelado em turismo, e do perfil do seu egresso, a partir do questionamento das diretrizes curriculares vigentes. Conforme Resolução nº 13 do Ministério da Educação, o perfil do egresso a ser formado é assim definido:

O curso de graduação em Turismo deve ensejar como perfil desejado do graduando, [ser] capacitado e [ter] aptidão para compreender as questões científicas, técnicas, sociais, econômicas e culturais, relacionadas com o mercado turístico, sua expansão e seu gerenciamento, observados os níveis graduais do processo de tomada de decisão, apresentando flexibilidade intelectual e adaptabilidade contextualizada no trato de situações diversas, presentes ou emergentes, nos vários segmentos do campo de atuação profissional. (BRASIL, 2006, art. 3º)

Questiona-se, por exemplo, o foco no mercado turístico, que se refere a um paradigma dos estudos turísticos centrado na visão sistêmica desenvolvido por Beni (2003) – o sistema de turismo denominado SISTUR. Isso porque há outras visões não sistêmicas em pauta como o pós-turismo proposto por Molina (2003), ou novas abordagens como o modelo de criação do conhecimento turístico a partir de dois campos de estudo – negócios turísticos e não negócios turísticos – de Tribe (1997).

De outro lado, nas diretrizes curriculares vigentes no Brasil, devem-se contemplar dezenove diferentes competências e/ou habilidades de formação desse profissional, o que parece excessivo – alguns docentes consideram que não há como atingir esse perfil idealizado de formação, pois seria o mesmo que "produzir um super homem". Ainda, a organização curricular deve atender aos seguintes campos interligados de formação:

I - Conteúdos Básicos: estudos relacionados com os aspectos sociológicos, antropológicos, históricos, filosóficos, geográficos, culturais e artísticos, que conformam as sociedades e suas diferentes culturas;

II - Conteúdos Específicos: estudos relacionados com a Teoria Geral do Turismo, Teoria da Informação e da Comunicação, estabelecendo ainda as relações do turismo com a administração, o direito, a economia, a estatística e a contabilidade, além do domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira;

III - Conteúdos Teórico-Práticos: estudos localizados nos respectivos espaços de fluxo turístico, compreendendo visitas técnicas, inventário turístico, laboratórios de aprendizagem e de estágios. (BRASIL, 2006, art. 5º).

A discussão global sobre os desafios estruturais da formação superior em turismo gira em torno de uma mudança orientada à internacionalização da educação e à tecnologia – elemento transformador dos processos comunicativos e conseqüentemente educacionais, responsável pela velocidade que incute ao mundo moderno em relação aos processos de inovação e divulgação. Ao

mesmo tempo não se podem excluir outros aspectos intervenientes como as mudanças climáticas com seus efeitos nos destinos turísticos, novos posicionamentos perante a forma de se estar e se viver no planeta e as crises internacionais do capitalismo refletidas nas quedas dos grandes bancos e na suscetibilidade econômica da União Europeia e mais recentemente (2011) dos Estados Unidos. Tais reflexões são de extrema relevância, pois os novos líderes da atividade turística devem estar preparados para aceitar desafios em sua profissão.

Desafios frente a Mudanças Globais

Trigo (1998) ao tratar do turismo na pós-modernidade identificou cinco vertentes da educação da época. Suas considerações indicam que a educação deve ser mais diversificada em termos de objetivos e processos e, conseqüentemente, em termos de estruturas organizacionais, currículos, métodos e participação. Deveria se espelhar no contexto da diversidade cultural onde haja espaço para os diferentes ideais contra a voz autoritária da modernidade, sugerindo assim “mais liberdade, participação efetiva e respeito, “[...] para que haja um relacionamento construtivo entre educadores e educandos e entre eles e toda a sociedade” (TRIGO, 1998, p. 195). Além disto, o autor considera necessária a elevação dos níveis de conhecimento da maioria, para garantir a pluralidade na educação para que esta reduza o elitismo que a permeia.

No século XXI, o ensino superior em turismo enfrenta desafios ainda maiores do que no século passado, pois a sustentabilidade humana e ambiental deixa de ser modismo e passa a ser premissa para a sustentação econômica e social do planeta. Assim corrobora-se o pensamento de Panosso Netto e Trigo (2003) sobre a necessidade de se repensar o modelo de desenvolvimento econômico e social na sociedade contemporânea e, conseqüentemente, da formação superior em turismo.

Embora o turismo tenha sido ensinado, discutido e vivenciado sob a ótica de uma atividade econômica, com visão mercantilista, é importante ressaltar, sem desmerecer os efeitos econômicos positivos da atividade, seus desdobramentos no ambiente social, político, cultural e ambiental; ou seja, distinguir apenas uma de suas faces pode ser desastroso no planejamento e na articulação da atividade para a sustentabilidade integrada dos destinos. Tal reflexão perpassa, obviamente, por questões singulares como a cidadania, o ambiente, a ética, a sustentabilidade e a necessidade de inclusão social, pois estas e outras questões correlatas não são exclusivas do setor público, mas de toda a sociedade. Sendo assim, as instituições de ensino superior também devem tratar dessas questões em suas salas de aula. (PANOSSO NETTO; TRIGO, 2003; 2010)

Nesse contexto, a educação em turismo deve ser mais humanística, a fim de, combater questões xenofóbicas, terroristas e de indiferença “antes de se posicionar sobre métodos, tecnologias e modelos educacionais” (TRIGO, 1998, p. 180). Para ele, isto é possível, quando se olha o passado e se planeja o futuro do homem, pois assim as ações da educação seriam refletidas em ações sociais e políticas de toda a sociedade fundamentada nos patamares da dádiva e da solidariedade. Percebe-se aqui uma clara menção à prática da hospitalidade que se traduz também em um desafio a ser pensado.

Em uma visão adicional, Lemos (2002, p.72-73) aponta as bases para uma educação baseada na sociedade e na democracia. Dentre suas recomendações, destaca a necessidade de se dirigir à coletividade, inculcando valores onde o “ser” é melhor que o “ter” com base na diluição de poder e renda; valorizando as relações de parceria e de cooperação; buscando o desenvolvimento do planejamento estratégico para a sociedade em geral, onde todos, como nação, lutem pelos mesmos objetivos, a partir da produção nacional e conseqüentemente da criação de independência tecnológica; e finalmente investindo nos recursos humanos a fim de que estes sejam “pensadores e executores mais qualificados”.

Spinelli (2002, p. 118) complementa ressaltando a necessidade da incorporação dos valores na prática sistemática da profissão para que estes valorizem a área de atuação do profissional como um conjunto íntegro de teorias, tecnologias e competências de modo a compreender a situação e o contexto presente e a “enfrentar a problemática futura”. Dessa maneira dignifica-se a função, pois o profissional de turismo pode gerar vínculos sociais que permitam sua inserção sólida nas expectativas de seus concidadãos, visto que seus esforços profissionais convergem na geração de empregos, absorção de novos costumes, criação de serviços etc., em sua própria comunidade. Portanto o espírito de participação comunitária torna-se cada vez mais urgente na formação profissional em turismo.

Mas não se pode esquecer que muitas vezes “o como ensinar foi obscurecido pelo o que ensinar e as questões do ensino eficaz e avaliação foram esquecidos” (TRIBE, 2002, p. 631). Isso ocorre face à visão instrumentalista do ensino, onde há a transmissão somente de habilidades que irão paramentar indivíduos para o funcionamento econômico eficaz dentro do setor no entender de Stergiou, Airey e Riley (2008). Além disso, as concepções atuais falham em entender a característica principal do ato de ensinar como um processo educativo em si.

Ainda segundo Stergiou, Airey e Riley (2008), os alunos buscam na universidade não apenas qualificação profissional para o setor, mas também experiências mais aprofundadas de vida. Sendo assim deve-se pensar em uma concepção mais ampla da educação e considerar fortemente os valores a serem desenvolvidos no processo educacional, a fim de serem geradas mudanças no currículo e na própria organização do curso, voltadas à melhoria do ensino e da experiência dos discentes.

Entretanto é necessário perceber que os objetivos educacionais devem se colocar a serviço das novas necessidades sociais, pois o fim maior da educação, independente do campo ou área em que se insere, é o enriquecimento do processo da vida. Nesse sentido, reafirma-se o posicionamento de Kilpatrick (1978) de que o indivíduo tenha capacidade de exercitar a autonomia no processo decisório e reflexivo, valorizando o bem social em detrimento de bens e vantagens individuais. E esse indivíduo, para ser um bom profissional, “deve expandir constantemente seus conhecimentos, deve estar em consonância com o ambiente que o rodeia e principalmente ser um membro ativo em sua sociedade”, conforme sustentado por Shígunov Neto e Maciel (2002, p. 20).

Pode-se questionar ao final deste item, se as propostas de formação superior em turismo no exterior e no Brasil estão posicionadas para o enfrentamento desses e de outras mudanças globais da educação superior. Importa então compreender pelo menos três fatores de pressão para essas mudanças, como exposto a seguir.

FATORES CATALISADORES DE MUDANÇAS

Internacionalização e globalização

A internacionalização e globalização do ensino superior têm sido objeto de diversas pesquisas relacionadas à experiência e comportamento do aluno, desafios da garantia de qualidade da formação superior e implicações políticas e processo de decisão na universidade. Jordan (2008), por exemplo, salienta que o imperativo econômico é a razão primordial para que as instituições de ensino superior priorizem a internacionalização de seu currículo, a qual pode ocorrer sob duas formas. A primeira se processa no recrutamento de alunos internacionais e a segunda na formatação de programas desenvolvidos para o mercado internacional exportados para diferentes países. Os fatores que levam essa globalização do ensino superior, além dos aspectos econômicos são a integração europeia e o tratado de Bologna já citado, os fluxos migratórios ao redor do globo e a crescente economia da China tornando-a um processo cada vez mais importante e complexo. (JORDAN, 2008, p. 100)

É importante destacar a diferença entre o processo de globalização e internacionalização de currículos no ensino superior. Enquanto a globalização traz consigo a conotação de colonialismo e relações de poder desiguais, por exemplo, a utilização de uma grade que esteja de acordo com as necessidades e realidades da cultura americana em um país africano, a internacionalização pode ser vista como um processo de comunhão de práticas internacionais potencialmente em bases mais equitativas. O resultado do ensino superior de forma globalizada é um sistema mais homogêneo e imperialista, enquanto que no processo de internacionalização o que se observa é um processo cultural filantrópico de divisão das boas práticas e padronização dos procedimentos. (JORDAN, 2008, p.100).

Apesar dos processos de internacionalização e globalização permitirem o intercâmbio cultural genuíno para alunos e professores, é necessário discutir também as relações de poder neles permeadas. Jordan (2008) aponta que o ensino, o aprendizado e as práticas de avaliação tendem a refletir ambientes políticos, culturais e pedagógicos específicos onde o currículo é desenvolvido. A partir do momento em que se transporta uma grade curricular para outro ambiente ignoram-se todas

as outras instâncias em que foram concebidas a educação daquele país ou instituição. Portanto, a autora sugere um extenso diálogo e concordância de ambas as partes na instalação de programas globalizados ou internacionalizados.

Já Stier (2003) acrescenta que o grande benefício da internacionalização do ensino superior é a possibilidade do intercâmbio cultural. Os alunos são incentivados a aprender sobre a cultura, a tradição e a sociedade de outros países e assim adquirir competências interculturais, tão valorizadas na sociedade atual. Tribe (2005, p.48) sugere que um currículo realmente pensado para uma educação global pode potencializar as perspectivas do aluno no campo da hospitalidade, lazer, esportes e turismo.

Uma preocupação em relação aos programas de globalização e internacionalização apontados por Jordan (2008) é a ausência de pesquisas sobre a reação de alunos, funcionários e professores que mantiveram contato com alunos de outros países, sugerindo questionamentos tais como: Quais os benefícios para estas pessoas? O diálogo está realmente presente nesta relação? Essa autora sugere então a necessidade de uma abordagem reflexiva sobre o processo de internacionalização do ensino superior, analisando os processos de desenvolvimento curricular, estruturas e políticas de ensino, procedimentos de avaliação e sistemas de qualidade. Destaca que a essência desse processo são as pessoas e para tanto estas devem estar inseridas na construção dessa internacionalização.

Nesse sentido pode-se citar uma interessante pesquisa sobre ensino-aprendizagem em ambientes multi e monocultural desenvolvida sob a coordenação do Instituto de Educação Superior de Glion (Suíça) e colaboração da Universidade Anhembi Morumbi (Brasil). Esse estudo buscou comparar as estratégias empregadas pelos professores e percebidas pelos alunos em cada um desses ambientes, no multicultural no instituto suíço e no monocultural na universidade brasileira. Os resultados da pesquisa no Brasil são apresentados em artigo publicado por Cavenaghi et al. (2011).

Sustentabilidade

Apesar de ser um movimento histórico de grande contribuição para uma reflexão sobre os meios de vida da humanidade na Terra, a sustentabilidade, por vezes, encontra resistência para efetivamente adentrar a vida cotidiana dos seres humanos. Em muitos casos, empresas incorporam técnicas e abordagens sustentáveis para dar uma orientação ao seu negócio com o intuito de melhorar sua imagem corporativa. Macbeth (2005) aponta em relação ao turismo sustentável, que embora as empresas tenham realizado discursos e aprendizados institucionais, essas ações têm gerado poucas mudanças institucionais efetivas, muitas das quais concebidas no intuito de mascarar as reais agendas governamentais e os negócios capitalistas.

O desenvolvimento sustentável de uma atividade até então tem se desenvolvido sob a ética antropocêntrica e como tal, ou seja, todas as ações que vem sendo consolidadas estão centradas no conceito que a sobrevivência do homem é importante, e não a natureza como o ator principal desta causa. Percebe-se que o termo desenvolvimento sustentável é um conceito conflituoso, "pois envolve poder, desigualdade, é político e pode ocorrer o desvio da proposta desse *slogan*". Assim deve se assumir uma postura de desenvolvimento que vá além da visão antropocêntrica e que busque um alinhamento comercial, político, econômico e científico. (MCABETH, 2005, p. 967)

No campo do ensino do turismo essa questão se torna mais complexa e de difícil resolução, pois na maioria dos casos a sustentabilidade, por vezes, é vista como um tema isolado e pode encontrar barreiras no estabelecimento de relações com os campos adjacentes. É preciso lembrar que a sustentabilidade depende de todo um sistema turístico global, como defendido por Farrell e Twinning-Ward (2004, p. 72) sob ótica da sustentabilidade, ao que denominam de panarquia turística. Esta se fundamenta em uma dinâmica de sistemas complexos e não lineares que podem levar a atividade turística até a sustentabilidade:

O estudo do sistema turístico outorga maior importância aos bens e serviços do ecossistema vital, as estruturas e funções dos ecossistemas vitais, a sociedade local, suas percepções, aspirações e uma grande quantidade de componentes distintos que afetam seu comportamento. Da mesma forma, compreender o destino em termos da panarquia de sistemas acrescenta mais conteúdo e significado, assim como a possibilidade de descobrir como surge o caráter de um destino e como este pode ser mantido e até mesmo potencializado. (FARRELL; TWIINING-WAR, 2005, p. 72)

O modelo de panarquia turística considera a anulação de estabilidade visto que os ecossistemas apresentam períodos de perturbação e desordem devido à sua existência cíclica. Assim sendo os pesquisadores e educadores em turismo devem ter uma compreensão clara da nova ecologia e devem revisar e questionar os conceitos intrínsecos como o clima ou o equilíbrio para entender como funcionam os ecossistemas naturais. (FARRELL; TWINNING-WARD, 2004)

Os autores apontam que embora exista uma grande necessidade de se comprometer com os princípios de sustentabilidade, somente uma minoria de pesquisadores está efetivamente pesquisando o tema devido a deficiências estruturais. O conhecimento nesta área requer trocas substanciais com um sistema mais adaptável, interdisciplinar de gestão e de pesquisa global que poderão gerar importantes benefícios de longa duração. Os pesquisadores em turismo falharam na falta de engajamento com a política econômica e indicam a necessidade de se trabalhar o conceito de modernização ecológica que representa a sinergia entre desenvolvimento econômico e proteção ambiental. Neste cenário, os autores indicam que a resolução da crise ambiental “depende da capacidade de compreensão dos vínculos existentes entre os sistemas humanos e sistemas naturais e conhecimento dos métodos não lineares imprescindíveis para os sistemas complexos” (FARRELL; TWINNING-WARD, 2005, p. 68).

Diante do cenário atual a educação do turismo precisa refletir e incorporar a sustentabilidade, até mesmo para justificar a sua existência como campo de estudo, pois devido ao caráter amplo da atividade turística, os líderes do turismo do futuro deverão assumir o compromisso pessoal e ético no percurso de sua trajetória profissional para atuar de acordo com o novo cenário mundial. No modelo de educação para o futuro TEFI, a sustentabilidade figura como um dos seus componentes, assim subdividida:

Ética

O conhecimento científico em turismo apresentou uma evolução considerável nas últimas décadas ao se analisar as quatro plataformas descritas por Jafari (2005): defesa (décadas de 1950 e 1960), advertência (década de 1970), conciliação ou adaptação (1980) e conhecimento básico (década de 1990). Grande parte das pesquisas apresenta-se assentada em teorias sobre o desenvolvimento turístico que não reconhecem a ética e os valores devido ao mito da objetividade centrado no paradigma científico positivista:

O desafio do séc. XXI é encontrar uma postura ética no conhecimento do turismo para ultrapassar o paradigma da objetividade. É necessário um paradigma de pesquisa pleno de valores é necessário posições éticas que precisam ser assumidas e decisões questionadas. (MACBETH, 2005, p. 963)

A ética é necessária para interrogar a moralidade das ações de planejamento, desenvolvimento, gestão e políticas públicas, pois a sociedade atual necessita de mudanças radicais no pensamento e na ação; deve estar presente na formação dos líderes do futuro para que estes possam planejar e realizar o desenvolvimento do amanhã. As relações humanas também devem ser consideradas, pois o profissional do turismo deve avançar no conhecimento específico da área a fim de lidar com os novos paradigmas advindos da nova ordem social (SPINELLI, 2002). Nesse sentido,

O profissional de turismo deve gerar o vínculo social capaz de inseri-lo solidamente nas expectativas de seus concidadãos, elevando e dignificando sua função. Isso lhe possibilitará a adoção de uma nova postura ética em relação às pessoas e incidirá positivamente também na aquisição de sentimentos de responsabilidade ecológica. (SPINELLI, 2002, p. 118).

Até mesmo a sustentabilidade é discutida sob a ótica da ética, pois “não existe sustentabilidade real ao menos que vidas e materiais sejam viáveis e se conectem com as suas vidas morais”, conforme Macbeth (2005). Para ele o ser humano ainda não está preparado para superar a ética antropocêntrica (visão racionalizada, científica e externalizada da natureza). Defende uma ciência de valores pautada em matriz ética, não orientada ao antropocentrismo, criada em um processo reflexivo, almejando mover a práxis do turismo para uma ética não antropocêntrica e intergeracional. Busca assim elucidar a necessidade de uma compreensão reflexiva ética na pesquisa, na política, no planejamento e no desenvolvimento do turismo.

Estudiosos como Panosso Netto e Trigo (2003) apontam a escassez do tema *ética* nos cursos superiores de turismo, citando-o como um dos pilares para os processos econômico-produtivos do setor. Destacam a importância de se incorporar a ética, a justiça social e a multiculturalidade às novas alternativas de desenvolvimento da sociedade, o que é reforçado por Lemos (2002, p. 96) ao tratar das principais habilidades e conhecimentos que o bacharel em turismo:

[...] ter forte visão ética e de responsabilidade social; ter forte visão da qualidade, inclusive da qualidade ambiental dos produtos, serviços e processos que ele venha a gerenciar, desenvolver uma visão consistente com os objetivos de desenvolvimento sustentável, saber trabalhar em projetos com visão multidisciplinar, saber resolver problemas usando a criatividade, ter espírito empreendedor, ter fortes habilidades de inter-relacionamento interpessoal, saber liderar pessoas e conseguir motivá-las para obtenção dos resultados dos projetos em que esteja trabalhando, ter forte visão generalista [...].

O que se deve levar em consideração na formatação dos programas graduação e de pós-graduação em turismo é que não se forma o aluno para uma vida isolada, individualizada, mas sim para a sociedade na qual este exercerá suas atividades (LEMOS, 2002). Daí o posicionamento de Baptista (2008, p. 49) ao alertar que devido aos efeitos da globalização “os imperativos de cidadania colocam-se hoje numa escala planetária”, onde os valores como paz, tolerância, solidariedade e hospitalidade devem alicerçar a educação atual. Tais valores circunscreverão todas as relações da vida pública, envolvendo tanto as instituições sócio-educativas quanto todos os espaços como aeroportos, hotéis, cafés, centros comerciais e parques.

Baptista (2008) ainda articula as possíveis bases da ética aplicada no processo educacional e destaca a necessidade de se observar os desdobramentos da reflexão sobre ética e vida moral, teoria e prática, fundamentação *versus* aplicação, integrando o setor normativo com o setor de ação, os padrões de conduta com a ação. Cita a importância de valorização das pessoas na resolução de seus próprios problemas, exaltando o papel dos principais atores envolvidos nos processos, ou seja, dos alunos; e do aspecto relacional entre os indivíduos, também apontado por Santos, Oliveira e Marinho (2009), pois o processo de aprimoramento moral deve ser visto tanto como um processo social quanto pessoal.

Esse processo de aprimoramento moral deve ser pautado em princípios da racionalidade comunicativa, cooperativa e interdisciplinar, respeitando as particularidades das situações estabelecidas e do contexto sócio-histórico dos grupos envolvidos. Tal pensamento de Baptista (2008) é corroborado por Bonfim (2010, p.117) ao apontar a necessidade de uma educação que objetive a transformação social “no sentido de contribuir para a formação de um cidadão político, que usa a palavra como forma de transformar o mundo”.

Percebe-se ao final deste item que todos os fatores analisados constituem forças de pressão para a mudança dos paradigmas educacionais vigentes na formação superior em turismo (figura 1), como apresentado na figura 1.



Figura 1 – Forças de Pressão presentes no Tourism Education Future Initiative
 Fonte: Elaboração própria.

Esclarece-se que três dessas forças – a ética, a sustentabilidade e a internacionalização/globalização fundamentam o programa TEFI já citado. Sogayar (2010) ao analisar a presença das concepções das principais correntes teóricas da hospitalidade nesse programa, constatou que esta se expressa de forma subjacente ao mesmo, de um lado pela inclusão social, cidadania e humanização, e de outro pela cadeia produtiva mais humanizada e inclusiva do setor turístico. Portanto, figura no mundo global como mais uma força de pressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mundo ocidental, somente após a década de 1950 ocorre o crescimento do ensino superior em turismo, o qual se intensifica após os anos de 1980, associado à evolução de pesquisas na área. No Brasil esse crescimento inicia-se a partir dos anos de 1970 com cursos superiores baseados em dois modelos distintos: um com foco na formação profissional voltado para o mercado e outro com foco na formação acadêmica com fundamentação nas ciências humanas e sociais.

A partir dos anos de 1990 ocorre o *boom* dos cursos superiores em turismo no país, principalmente nas instituições privadas que perceberam o potencial de mercado e consequente retorno financeiro. Entretanto, na década seguinte, observa-se o declínio do número de alunos matriculados nos cursos superiores em turismo em detrimento da sua fragmentação em diversos ramos da hospitalidade tais como gestão hoteleira, eventos, gastronomia e lazer, e também do direcionamento da oferta para os cursos de curta duração. Além disto, as universidades públicas iniciam a abertura de novos cursos de turismo em suas unidades.

Tal cenário evolutivo é marcado por problemas e desafios estruturais relacionados ao histórico do ensino superior nessa área, à imagem do curso perante a sociedade, à dubiedade em relação ao foco central de formação, aos aspectos de pressão entre salários e atividades não compatíveis com a formação do bacharel e à formação de um corpo docente capaz de atender a demanda dos cursos.

Ao mesmo tempo deve-se atentar para as mudanças globais que incutem a necessidade da mudança no ensino superior na área. Embora os benefícios econômicos do setor turístico sejam inegáveis, existe uma forte crítica sobre programas de base mercantilista, e discute-se a necessidade de maior preocupação com os desdobramentos sociais, políticos, culturais e ambientais na formação do bacharel em turismo. Neste momento percebe-se que a comunidade acadêmica sinaliza a necessidade da inserção de “novos valores” no ensino superior em turismo para que este sobreviva na atualidade, sendo uma das iniciativas o programa TEFI.

Nesse sentido, os principais focos de interesse da comunidade acadêmica recaem principalmente sobre três fatores – internacionalização/globalização da educação, sustentabilidade e ética –, vistos como necessários e imprescindíveis para um novo posicionamento perante as mudanças climáticas e as crises do capitalismo global.

Em relação à internacionalização da educação observa-se que é preciso estar atento às relações de poder que se estabelecem nesses processos, e aos efeitos oriundos do processo de intercâmbio cultural tão valorizado na atualidade. Já a sustentabilidade é assunto de relevância para a formação de líderes na área de turismo, e preciso ultrapassar o patamar da educação sobre sustentabilidade para se mover em direção à educação para a sustentabilidade, voltada à mudança de comportamentos na gestão de negócios e consequentemente na melhoria das condições climáticas. E no tocante à ética, esta servirá de base para a formação de cidadãos engajados nos processos de mudança voltados à sustentabilidade e ao respeito ao próximo, sendo fundamental para orientar os padrões de conduta do indivíduo.

No entanto, vislumbra-se outro fator a ser considerado nesse cenário, o qual já esta se fazendo presente: a hospitalidade, não como sinônimo de hotelaria, mas sim resgatando o seu verdadeiro sentido na humanização do Turismo. Percebe-se enfim que o ensino superior em turismo está em um momento de amadurecimento em relação a sua concepção e proposta, buscando uma “razão” que justifique sua existência e continuidade.

REFERÊNCIAS

- COOPER, C.; SHEPERD, R.; WESTLAKE, J. *Educando os educadores em Turismo: manual de educação em Turismo e Hospitalidade*. São Paulo: Rocca, 2001.
- STERGIOU, D.; AIREY, D.; RILEY, M. Making sense of tourism. In: *Annals of tourism research*. v. 35, n. 3, p. 631-649, 2008.
- ANSARAH, M. G. dos R.; REJOWSKI, M. 1994. Cursos superiores de turismo e hotelaria no Brasil. In: *Turismo em Análise*, São Paulo, ECA-USP, v.5, n.1, p.116-128, 1994.
- BAPTISTA, I. *Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético*. Porto: Profedições, 2008.
- BENI, M. *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: SENAC Nacional, 2003.
- BONFIM, M. V. S. Por uma pedagogia diferenciada: uma reflexão acerca do turismo pedagógico como prática educativa. *Revista Turismo Visão e Ação*, v.12, n.1, p.114-119, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 13, de 24 de novembro de 2006. Dispõe sobre as diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Turismo e dá outras providências. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces13_06.pdf>. Acesso em 18 fev 2010.
- CARVALHO, M. A. Os números do ensino superior em turismo e hospitalidade no Brasil-2001 a 2006. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 5, 2008, Belo Horizonte: Centro Universitário UNA. Anais... Disponível em: <<http://anptur.org.br/anais/seminario2008/data/248t.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2009.
- CASTILLO NECHAR, m.; TOMILLO NOGUERA, F; GARCÍA GÓMEZ, F. J. Principales tendencias de la investigación turística em España y Europa. Valladolid, UEMC, 2010.
- CAVENAGHI, A. J. *Ensino-aprendizagem em um curso de hotelaria da cidade de São Paulo: percepções de alunos em uma nova abordagem de análise*. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*. São Paulo, v.5, n.1, p.101-117, abr. 2011.
- COOPER, C. *Turismo: princípios e práticas*. 3 ed. Artmed: Porto Alegre, 2007.
- COOPER, C.; SHEPERD, R.; WESTLAKE, J. *Educando os educadores em Turismo*. Manual de educação em Turismo e Hospitalidade. Trad. Rosemary N. S. Dias. São Paulo: Rocca, 2001.
- FARRELL, B.H.; TWINING-WARD, L. Un nuevo concepto del turismo. *Annals of Tourism Research en Español*, v.6, n.1, p 65-90, 2004.
- GO, F. A globalização e os problemas educacionais do turismo emergente. In: THEOBALD, W. F. (Org.). *Turismo global*. Trad. Ana M. Capovilla, Maria C, Guimarães e João R. B. Penteado. São Paulo: SENAC, 2001.
- JAFARI, J. El turismo como disciplina científica. *Política y Sociedad*, v. 42, n. 1, p. 39-56, 2005.
- JAFARI, J.; RITCHIE, J. R. B. Toward a framework for tourism education: problems and prospects. In: *Annals of Tourism Research*. v. 8, n.1, p.13-34, 1981.
- JORDAN, F. Internationalization in hospitality, leisure, sport and tourism higher education: a call for further reflexivity in curriculum development. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport and Tourism Education*. v.7, n.1, p.99-103.
- KILPATRICK, W.H. *Educação para uma civilização em mudança*. 16 ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Melhoramentos/Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.
- LAWSON, M. Teaching tourism: education training in Western Europe. British Tourist Authority: Londres, 1974. In: GO, F. A globalização e os problemas educacionais do turismo emergente. In: THEOBALD, W. F. (Org.). *Turismo global*. Trad. Ana M. Capovilla, Maria C, Guimarães e João R. B. Penteado. São Paulo: SENAC, 2001.

LEMOS, A. D. C. de. A sociedade, as teorias educacionais, o ensino do turismo e o papel do bacharel em turismo. In: SHIGUNOV NETO, A. MACIEL, L. S. B. *Currículo e formação profissional nos cursos de turismo*. Campinas: Papirus, 2002.

LIMA, A. V. B.; SILVA, S. D. C. M. Bacharel em turismo: profissional sem formação de mercado ou mercado sem conhecimento da profissão? In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 4, 2007, São Paulo: UAM. Anais... Disponível em: <http://www.anptur.org.br/seminario2007/data/pdf/6.53%20melo_silva_bacharel.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2010.

MACBETH, J. Towards an ethics platform for tourism. *Annals of Tourism Research*, v.32, n.4, p.962-984, 2005.

MOLINA, S. *O pós-turismo*. Trad. Roberto Sperling. São Paulo: Aleph, 2003. (Série Turismo).

MOREIRA, C. B. G.; NEVES, J. N. A.; GOMES FILHO, W. Ensino superior em hotelaria na cidade de São Paulo: bacharelados versus tecnólogos. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 6, 2009, São Paulo: UAM. Anais... Disponível em: <<http://eventos.univerciencia.org/index.php/seminANPTUR/2009/paper/view/359/80>>. Acesso em 15: fev. 2010.

MOTA, K. C. N. *Educação superior em turismo no Brasil: análise dos cursos no contexto contemporâneo e a oferta tecnológica nos Institutos Federais no Nordeste*. Tese (Doutorado em Administração e Turismo), Itajaí: UNIVALI, 2011).

OMT. *Introducción a TEDQUAL: uma metodologia para la calidad en educación y formación turísticas*. Madrid: Organización Mundial del Turismo, 1997.

PANOSSO NETTO, A. TRIGO, L. G. G. *Cenários do turismo brasileiro*. São Paulo: Aleph, 2009.

REJOWSKI, M. *Pesquisa científica em turismo no Brasil*. Comunicação, produtividade e posicionamento. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2010. (Relatório de Pesquisa – CNPq)

_____. *Turismo e pesquisa científica*. Pensamento internacional versus realidade brasileira. Campinas: Papirus, 1996.

RUSCHMANN, D. *Turismo no Brasil: análise e tendências*. Barueri: Manole, 2002.

SANTOS, J. H. P. A. dos. *A investigação sobre turismo em Portugal*. Dissertação (Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Turístico), Aveiro: Universidade de Aveiro, 2010.

SANTOS, M. M. C. dos; OLIVEIRA, A. C. R. M. de; MARINHO, M. F. Pedagogia da hospitalidade: da formação à atuação profissionais em turismo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TURISMO, 11, 2009, Curitiba: OBSTUR/UFPR: Universidade Positivo. *Anais...*, 2009. 1 cd-rom.

SHIGUNOV NETO, A. MACIEL, L. S. B. *Currículo e formação profissional nos cursos de turismo*. Campinas: Papirus, 2002.

SOGAYAR, R. L. *Hospitalidade no ensino superior em turismo: estudo de caso do programa tourism education future iniciatives*. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Hospitalidade), São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2010.

SPINELLI, S. M. A importância da formação profissional em turismo. In: SHIGUNOV NETO, A. MACIEL, L. S. B. *Currículo e formação profissional nos cursos de turismo*. Campinas: Papirus, 2002.

STERGIOU, D.; AIREY, D.; RILEY, M. Making sense of tourism. *Annals of Tourism Research*. v. 35, n. 3, p. 631-649, 2008.

STIER, J. Internationalisation, ethnic diversity and the acquisition of intercultural competencies. *Intercultural Education*, v.14, n.1, p.77-91, 2003.

Swarbrooke, J.; Horner, S. *Consumer Behaviour in Tourism*, 2 ed. Oxford: Butterworth Heinemann, 2007.

TEIXEIRA, R. M. Ensino superior em turismo e hotelaria no Brasil: um estudo exploratório. In: *Turismo em Análise*. São Paulo, v. 12, n. 2, p. 7-31, 2001.

TEIXEIRA, S. H. A. Cursos *superiores de turismo*: uma abordagem histórica (1970/1979). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - A Educação e seus Sujeitos na História, 4, Goiânia: UCG, 2006. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo05/Sergio%20Henrique%20Azevedo%20Teixeira%20-%20Texto.pdf>>. Acesso em 20 jan 2010.

TRIBE, J. Tourism, knowledge and the curriculum. In: AIREY, D.; TRIBE, J. (eds). *An International Handbook for Tourism Education*. Oxford: Elsevier Science, 2005.

_____. The indiscipline of tourism. *Annals of Tourism Research*, v.24, n.3, p.638-657, 1997.

_____. Research trends and imperatives in tourism education. *Acta Turistica*, v.14, n.1, p.61-81, 2002.

TRENTIN, F.; SILVA, E. M. C. Motivos para a escolha do curso de turismo. *Revista Turismo Visão e Ação*, v. 12, n. 2, p. 204-215, 2010

TRIGO, L. G. G. *A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo*. Campinas: Papirus, 1998.

TRIGO, L. G. G.; PANOSSO NETO, A. *Reflexões sobre um novo turismo: política, ciência e sociedade*. São Paulo: Aleph, 2003.

WTTC- *World Travel and Tourism Council*. Disponível em: <http://www.wttc.org>. Acesso em 10 out 2010.

NOTAS

1 O termo Hospitalidade, de acordo com a OMT, refere-se ao conceito de hospitalidade comercial, representada pelos cursos de hotelaria, gestão hoteleira e derivados. Entretanto, neste texto esse termo refere-se ao acolhimento e recebimento do outro e todas as interações oriundas desse processo. Percebe-se uma grande dificuldade na tradução para o inglês do termo Hospitalidade, pois historicamente este conceito “*Hospitality*” esteve diretamente relacionado à gestão de negócios em hotelaria ou aos cursos de Alimentos e Bebidas, definidos como “*Catering*” Além destes, destaca-se também o termo Acolhimento, que no inglês “*Being sheltered*” expressa a noção de Dar abrigo, sendo que na língua portuguesa está relacionado a um acolhimento mais amplo, no sentido social de acolher outras realidades para si.

2 A educação em turismo começa a apontar uma direção de mudança onde a preocupação está na formação universitária completa e não somente nos cursos técnicos e quem sabe em um processo de mudança para não ser designado como um curso para pessoas de baixa realização.

3 O tratado de Bologna é um compromisso firmado entre os signatários de 29 países europeus, em 1999, para aumentar a competitividade e a empregabilidade internacional do sistema de ensino superior europeu. A proposta visa um sistema de créditos transferíveis e acumuláveis, promoção de mobilidade entre estudantes, professores, pesquisadores e pessoal administrativo além da promoção do desenvolvimento da grade curricular, cooperação interinstitucional, e programas integrados de estudo, de formação e investigação.

4 Para o Ministério da Educação, nessa área inserem-se cursos de Turismo, Hotelaria, Gastronomia, Lazer e Eventos.